

PROJETO DE LEI Nº, DE 2018
(Do Sr. Leonardo Felix de Almeida)

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino Básico a obrigatoriedade da disciplina “Conhecendo o Aprender: técnicas e métodos de estudo”, e dá outras providências.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Nos estabelecimentos de ensino básico, oficiais e particulares do território nacional, torna-se obrigatório o ensino da disciplina denominada “Conhecendo o Aprender: técnicas e métodos de estudo”.

Art. 2º O conteúdo programático da disciplina instituída nessa Lei deverá ser elaborado a partir dos seguintes temas:

- a) Organização, planejamento e gestão do tempo;
- b) Metodologias e técnicas de ensino e aprendizagem.

Art. 3º Caberá às instituições de ensino e suas respectivas coordenações pedagógicas estabelecerem os conteúdos e competências a serem desenvolvidos na disciplina “Conhecendo o Aprender: técnicas e métodos de estudo”, de acordo com o disposto no Art. 2º.

§ 1º A disciplina será ministrada preferencialmente por professores qualificados com formação de Ensino Superior e que demonstrarem conhecimento técnico na área.

Art. 4º As Secretarias de Educação dos Estados e do Distrito Federal proverão as escolas, professores e alunos, de material bibliográfico e de outros materiais didáticos necessários.

Art. 5º As gestões escolares tomarão providências para o aprofundamento e capacitação dos professores vigentes a respeito dos conteúdos e competências da disciplina instituída nessa Lei.

Art. 6º O Poder Executivo regulamentará a presente Lei no prazo de 60 (sessenta dias), após a sua publicação.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa

Esta proposta de lei tem por objetivo, a partir de uma análise da realidade dos estudantes brasileiros, criar uma disciplina obrigatória no ensino básico que trate de técnicas e métodos de estudos eficazes que possam potencializar o processo de aprendizagem de cada estudante em consonância com sua realidade, e desconstruir métodos ineficientes enraizados na cultura escolar brasileira.

A sociedade vive em uma época em que um número cada vez maior de informações é produzida e divulgada a todo o momento. A capacidade de compreendê-las e absorvê-las podem ser fatores determinantes no percurso de vida dos sujeitos. O ingresso ao ensino superior por meio do ENEM e de vestibulares, ao mercado de trabalho e a conhecimentos a respeito da sociedade, entre diversos outros, são obtidos por meio da aprendizagem. Portanto, quanto mais consolidada e eficiente for a capacidade de produzir conhecimento de uma pessoa, maior a probabilidade de êxito nos mais diversos âmbitos, principalmente em uma sociedade em que a capacidade intelectual é extremamente valorizada.

As escolas são instituições imprescindíveis nesse processo de aprendizagem e no desenvolvimento educacional dos sujeitos. É nas escolas que grande parte das pessoas aprendem uma gama de conhecimentos e competências que dificilmente poderão aprender noutros contextos. Nesse sentido, a eficácia desses processos por parte da escola terá grande impacto na formação de cidadãos, tanto no aspecto individual quanto no aspecto coletivo, bem como na formação profissional.

Fernando Mesquita¹, aponta em sua obra que trata sobre os processos de estudo, que “entre o nascimento e a aposentadoria de um profissional de nível superior, pode-se esperar pelo menos entre 20 a 25 anos de estudos (somando-se educação fundamental,

¹ Mesquita, F. **Ciclo EARA**. O processo da aprovação. Brasília: Fernando Mesquita, 2014.

média, superior, pós-graduação e reciclagens diversas). Isso tudo, na maior parte das vezes, sem nenhuma instrução formal sobre os estudos em si, a forma de estudar”. De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica², publicado pelo Ministério de Educação (MEC), no ano de 2017 havia 48,6 milhões de estudantes matriculados nas escolas de educação básica do Brasil. Todos os anos milhões de estudantes vão à escola cientes que precisam aprender, mas poucos sabem como fazê-lo. Portanto, do que adianta irem à escola para estudar, se não sabem ao certo como fazer isso?

Renato Paiva³, diretor da Clínica da Educação, ainda nesse sentido, acrescenta que “a maioria dos alunos ainda não possuem um bom processo de estudo. Estudam de forma mais obrigada do que consciente, insistindo em estratégias passivas e repetitivas.” A culpa, destarte, é do próprio sistema de educação. O fato de muitos professores não conseguirem repassar tais conhecimentos aos estudantes, devido à sua carga horária exaustiva e sobrecarregada, mesmo possuindo os conhecimentos necessários para isso, afeta diretamente a formação plena do estudante. Além disso, de acordo com Maurice Tardif, professor e pesquisador na área de educação, é importante considerar que grande parte dos professores lecionam e reproduzem práticas de ensino com seus estudantes fundamentados naquilo que aprenderam com seus professores da educação básica, menos com o que aprenderam com seus professores na universidade. Sua justificativa afirma que o professor permanece pelo menos doze anos em contato com seus professores da educação básica, o que reflete significativamente no modo como esse professor organizará e conduzirá sua aula⁴.

Ao ser humano não é inato saber estudar. Os estudantes são entregues a sua própria sorte ao chegarem à escola. Restam-lhes suas aptidões naturais e o auxílio de familiares e pessoas próximas que, além de também não possuírem conhecimento a respeito do estudo eficaz, pois não lhes foram ensinados, repassam práticas conservadoras, ineficientes e, muitas vezes, de caráter extremamente radical, como a ideia de que, para se obter sucesso nos estudos, seja necessário estudar com afinco horas e horas

² Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ul8OptGdTzory5J0m-TvvSzILCrXmWeE/view>

³ Disponível em:

<http://www.paisefilhos.eu/index.php/component/content/article/6984?task=view&showall=1>

⁴ TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ininterruptas até quando seu corpo resistir, por exemplo. Isso é mais um fator entre vários que agrava ainda mais a formação do estudante e o desestimula.

Evelise Portilho⁵, doutora em Educação pela Universidade Complutense de Madri, diz que “no processo de aprendizagem, encontramos diferentes concepções e teorias que evidenciam valores e as crenças que norteiam a nossa maneira de ser, pensar, sentir, agir e interagir, muitas vezes, de forma desordenada e confusa. Tais concepções fazem avançar, retardar ou até impedir que a aprendizagem se produza...”. Como se vê, não é por acaso que milhões de estudantes possuem dificuldades de aprendizagem. Segundo pesquisas de Daniel Willingham⁶, *Phd* em Psicologia Cognitiva pela universidade de Harvard, um grande percentual de estudantes do ensino médio e superior apresenta falta de conhecimento sobre o processo de aprendizagem, além de falta de tempo, de memorização e de concentração.

Muitas vezes o indivíduo tem competência suficiente, mas, como não lhe foi ensinado a estudar, a falha vem à tona. De certa forma, os estudantes passam anos de suas vidas em um ambiente escolar, contudo não passam por nenhuma aula de como fazer bem o que lhes são propostos – estudar – e ainda são cobrados por algo que não aprenderam a fazer. José Saramago⁷, prêmio Nobel de literatura, diz que as palavras são as principais ferramentas do escritor, logo ele precisa de total domínio sobre elas para fazer jus à sua profissão. Portanto, se a principal ferramenta do escritor são as palavras, a principal ferramenta do estudante é saber como se estuda.

Felizmente, o “como aprender” pode ser ensinado. Atualmente, muito se sabe a respeito do processo de aprendizagem, pois é um assunto muito bem examinado pelos pesquisadores e profissionais da área. Diversas são as técnicas de alto rendimento que auxiliam o estudante, tanto no ambiente escolar, como no domiciliar, a estudar de forma eficiente. Porém, grande parte dessas instruções, também efetivadas por pesquisas, não é ensinada nas escolas, mesmo que

⁵ PORTILHO, E. Como se aprende? Estratégias, estilo e metacognição. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

⁶ WILLINGHAM, D.T. Por que os alunos não gostam da escola? Respostas da ciência cognitiva para tornar a sala de aula atrativa e efetiva. Porto Alegre: Artmed, 2011.

⁷ CASTRO, C. M. **Você sabe estudar?** Quem sabe, estuda menos e aprende mais. Porto Alegre: Penso, 2015.

as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, nas recomendações a respeito do projeto político-pedagógico e organização curricular apontam que “Além de uma seleção criteriosa de saberes, em termos de quantidade, pertinência e relevância, e de sua equilibrada distribuição ao longo dos tempos de organização escolar, vale possibilitar ao estudante as condições para o desenvolvimento da capacidade de busca autônoma do conhecimento e formas de garantir sua apropriação. Isso significa ter acesso a diversas fontes, de condições para buscar e analisar novas referências e novos conhecimentos, de adquirir as habilidades mínimas necessárias à utilização adequada das novas tecnologias da informação e da comunicação, assim como de dominar procedimentos básicos de investigação e de produção de conhecimentos científicos. É precisamente no aprender a aprender que deve se centrar o esforço da ação pedagógica, para que, mais que acumular conteúdos, o estudante desenvolva a capacidade de aprender, de pesquisar e de buscar e (re)construir conhecimentos.” Esse fator impede que o estudante compreenda os caminhos que devem ser tomados por ele para estudar e aprender melhor.

John Dunlosky⁸, membro do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Kent, em Ohio, e um dos autores da renomada pesquisa “Melhorando aprendizagem dos alunos com técnicas eficazes de aprendizagem: Caminhos promissores da psicologia cognitiva e educacional”, ao ser questionado se milhares de escolas ao redor do mundo estão desperdiçando seus esforços de maneira equivocada, diz que lhe parece que as estratégias mais eficazes estão sendo subtilizadas.

Nesse sentido, ensinar nas escolas técnicas e métodos de estudo pode ser um fator de grande benefício para a formação intelectual do estudante.

O princípio para um bom desempenho nos estudos está relacionado à organização, planejamento e uma boa gestão do tempo. Na escola, o horário de cada aula já está definido, entretanto, fora dela, a responsabilidade de administrar o tempo disponível cabe ao estudante. Além de uma quantidade grande de disciplinas a ser estuda, uma pessoa pode ter várias outras atividades durante o dia. Logo, se o estudante não utilizar seu tempo de uma maneira

⁸ Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/voce-sabe-estudar/>

inteligente, de acordo com sua capacidade e necessidade, suas atividades, entre elas a de estudar, serão muito mal aproveitadas, prejudicando sua aprendizagem.

Uma crença compartilhada por muitas pessoas é que quanto mais horas de estudo seguidos de um mesmo assunto maior é o aprendizado. Todavia, essa é uma ideia equivocada, que já foi questionada por estudos, uma vez que não condiz com a capacidade e a maneira que o cérebro trabalha. Tony Buzan⁹, criador do mapa mental e um dos maiores especialistas em memória e aprendizagem do mundo, explica que os extremos de uma sessão de estudos são o mais importante, que o cérebro recorda melhor do início e do fim de uma experiência. Outra descoberta apresentada por Cláudio de Moura Castro¹⁰, economista e doutor pela universidade de Vanderbilt, é que nosso cérebro em média começa a perder concentração em atividades que exigem raciocínio e esforço após 25 minutos. Por consequência, quanto melhor equilibrado o tempo de uma sessão de estudos for mais eficaz ela será.

Ainda no âmbito de planejamento, de acordo com Fernando Mesquita¹¹, é importante que o estudante intercale assuntos que possuam maior disparidade entre si durante seu momento de estudo. Quando se estuda um assunto parecido com outro, o cérebro pode ficar confuso, pois ele acredita que se trata do mesmo conteúdo. No entanto, se os assuntos forem diferentes, o cérebro percebe que não é o mesmo conteúdo e torna o processo de aprendizagem e resgate da informação mais fácil.

Uma vez que o estudante tem ciência do que e quando vai estudar determinado assunto, na escola ou em casa, é necessário que ele saiba quais técnicas ele pode utilizar durante suas sessões de estudo para que consiga compreender o conteúdo e aprender melhor. Professor Pierluigi Piazzi^{12,13}, referência na área de

⁹ Goddard; Buzan e Castaneda. *The most important graph in the world*. ...and how it will change your life. 2012 apud Mesquita, F. *Ciclo EARA*. O processo da aprovação. Brasília: Fernando Mesquita, 2014.

¹⁰ CASTRO, C. M. *Você sabe estudar?* Quem sabe, estuda menos e aprende mais. Porto Alegre: Penso, 2015.

¹¹ TCIP - A teoria do Conhecimento Intercalado-Progressivo. Disponível em: <http://blogdofernandomesquita.com.br/a-teoria-do-conhecimento-intercalado-progressivo-tcip/>

¹² Disponível em: <https://qualconcurso.jusbrasil.com.br/artigos/134098801/o-brasil-tem-milhoes-de-alunos-e-pouquissimos-estudantes>

¹³ Disponível em: <http://estudareaprender.com/aprendendo-inteligencia-7-ensinamentos-do-prof-pier/>

neuroaprendizagem, diz que “o Brasil tem milhões de alunos e pouquíssimos estudantes” e que “na aula você não aprende. Na aula você entende”. Essas informações são complementares.

Durante as aulas, informações de um determinado assunto são expostas às pessoas presentes. A diferença entre o aluno e o estudante é que o aluno recebe a informação de forma passiva, não as processa, acabando por esquecer o conteúdo, exceto alguns fatos isolados e desconexos que, sem o entendimento da matéria como um todo, não tem sentido algum. Já o estudante recebe as informações de forma ativa, buscando entender o que lhe foi apresentado e, após a aula, pratica, estuda e revisa o assunto, aprendendo de fato o conteúdo.

A aula em si, muitas vezes, já não é eficaz. Professores apresentam informações sem fazer com que o estudante questione e reflita sobre ela, algo fundamental para a compreensão; estudantes copiam o mesmo conteúdo que está na lousa e nos livros didáticos, respondem perguntas que estão praticamente prontas, não dando estímulos necessários ao cérebro para fixar o conteúdo, entre diversas outras práticas que não agregam em nada ao processo de aprendizagem do estudante, como tirar fotos da lousa ou do livro e gravar a fala do professor, uma prática popular entre os estudantes, por exemplo.

O estudo¹⁴ “Point and Shoot Memories – The influence of Taking Photos on Memory for a Museum Tour” apresentou que pessoas que tiraram fotos do que havia no museu tiveram mais dificuldades em lembrar detalhes simples do que tinham visto. Aplicando isso no contexto do estudante, ao tirar fotos e gravar aulas, anulam a tarefa do cérebro de registrar tais informações. Além disso, gastam muito tempo ouvindo a gravação da aula, em vez de utilizá-lo para aprender.

O fato é que o professor consegue apenas fazer com que o estudante entenda o conteúdo. A tarefa de absorver essas informações e transformá-las em um conhecimento sólido é do

¹⁴ Linda, A. H. *Point and Shoot Memories*. The influence of Taking Photos on Memory for a Museum Tour. Disponível em: <http://pss.sagepub.com/content/early/2013/12/04/0956797613504438> apud Mesquita, F. *Ciclo EARA*. O processo da aprovação. Brasília: Fernando Mesquita, 2014.

estudante, que só conseguirá fazer isso se souber boas práticas de estudo.

Existem diversas técnicas que o estudante pode aderir para assistir à aula independente da maneira em que ela é ministrada e estruturada. Realizar uma leitura breve e levantar questões de um conteúdo antes da aula se iniciar é uma boa prática. O estudante que fizer isso construirá uma estrutura lógica do conteúdo, evitando surpresas, e ainda poderá detectar possíveis dificuldades que, durante a aula, poderá esclarecer com o professor ou saná-las durante a explicação. Um exemplo disso foi o que descobriu o educador chileno Ernesto Schiefelbein¹⁵, doutor em Educação pela universidade de Harvard e ex-ministro da Educação do Chile. Quando reitor da universidade em que trabalhava, pediu que os professores distribuíssem resumos de uma página aos alunos antes do início das respectivas aulas. A partir disso, foi possível verificar um ganho considerável no processo de aprendizagem dos estudantes.

Outra prática eficaz é fazer boas anotações. Muitos estudantes não anotam nada além do que o professor pediu, outros desacreditam de sua eficiência. Há ainda aqueles que tentam anotar, mas não a fazem de forma adequada. Virginia Voeks¹⁶, educadora americana, em seu livro “On becoming a educated person: the university and college”, explica que anotar pontos aos quais precisa retornar para entender ou explorar; estabelecer ideias gerais da estrutura da aula juntamente com seus exemplos e detalhes; utilizar desenhos e cores; fazer analogias com o conteúdo, entre diversas outras ações, são práticas eficientes durante o estudo.

Anotar fará com que o aluno selecione as principais ideias apresentadas na aula ou no material de estudo, ajudando-o na memorização da estrutura lógica do conteúdo, bem como num entendimento mais profundo do assunto. Além disso, as anotações ajudam a manter a atenção, visto que é uma atividade ativa, otimizando o seu tempo e o auxiliando durante a revisão, benefícios

¹⁵ APUD CASTRO, C. M. **Você sabe estudar?** Quem sabe, estuda menos e aprende mais. Porto Alegre: Penso, 2015.

¹⁶ VOEKS, V. **On becoming an educated person: the university and college**. 3rd ed. Philadelphia: W.B. Saunders Company, 1970.

que não obteria caso somente escutasse as informações de forma passiva.

Uma das piores consequências perceptíveis da ausência dessas técnicas é estudar determinado assunto e esquecer-lo, não aprender de fato, o que contradiz com um dos principais objetivos das instituições de ensino: fazer com que o estudante entre em contato com o conhecimento, aprenda-o e carregue-o consigo. Percebe-se que milhões de pessoas que já passaram pela escola não se recordam de praticamente nada daquilo que estudaram. Além disso, muitos estudantes, devido ao caráter imediatista de algumas escolas na aplicação de provas e avaliações, buscam o conhecimento somente para “passar” na prova e não em prol de seu desenvolvimento pessoal e profissional.

É importante ressaltar que o esquecimento é natural, um mecanismo que não permite ao cérebro se congestionar com informações alheias e não prioritárias. A partir de estudos realizados no século XIX por Ernesto Schiefelbein^{17,18}, um dos primeiros a estudar empiricamente a memória humana, surgiu a “Curva do Esquecimento”, uma ideia utilizada até hoje para entender o funcionamento da memória e como ocorre o processo de retenção e esquecimento, após o cérebro entrar em contato com um determinado assunto. De acordo com o estudo, caso o cérebro não entre em contato com o conteúdo com certa periodicidade, a retenção pode ir, aproximadamente, de 100% a 5%, restando apenas algumas informações, isso se a pessoa tiver prestado atenção durante o contato com a informação.

Aplicando à realidade do estudante, mesmo se ele tiver estudado o conteúdo com afinco, se ele não souber quando, nem como revisar, ele ainda esquecerá as informações. Uma recomendação feita a partir dos estudos de Schiefelbein, para retardar o processo de esquecimento e manter o conteúdo ativo no cérebro, o importante é revisar. Essa revisão deve ocorrer imediatamente após a sessão de estudos e depois de 24 horas. Deve, ainda, ser feita após uma semana, após um mês e, mensalmente, se for necessário. Dessa forma, o estudante conseguirá se lembrar do que estudou e, possivelmente, até mais,

¹⁷ Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/curva-do-esquecimento/>

¹⁸ Disponível em: <http://estudoesquemalizado.com.br/curva-do-esquecimento/>

pois durante as revisões poderá ter associado o aprendido com outros assuntos, dependendo do conteúdo.

Para revisar o conteúdo de maneira proveitosa, o estudante não deve estudar todo o conteúdo novamente, deve lançar mão de materiais que ele mesmo construa e que seja de fácil acesso, para utilizá-lo sempre que necessário. Alguns exemplos são: os resumos, um material em texto que contém as principais informações que o estudante precisa recordar; e os mapas mentais, ferramenta que organiza as informações visualmente a partir de um tópico central e seus ramos com desenhos, imagens e palavras. Ambos podem ser construídos durante a aula e na sessão de estudo durante as anotações.

A questão é que técnicas simples, eficientes e embasadas cientificamente podem contribuir muito ao processo de aprendizagem de cada pessoa. O que evidencia Robert J. Marzano¹⁹, ganhador do Prêmio Internacional Brock de Educação em 2008, que preocupado com o aprimoramento intelectual e a busca de melhores resultados na aprendizagem, realizou uma pesquisa com 4.000 intervenções instrucionais diferentes no cotidiano do estudante e descobriu que as intervenções mais eficientes para aprimorar o aprendizado do aluno eram aquelas que se concentravam no modo como os alunos pensam sobre seus processos de raciocínio e como eles se sentem como aprendizes.

Certamente, diversos fatores influenciam o processo educacional de um sujeito. Devido a essas causas, a proposta de lei não visa revolucionar a educação, mas sim, potencializar o processo de aprendizagem dos estudantes, a partir de uma disciplina que os ensine a organizar e gerir o tempo disponível, a obter conhecimento de uma forma mais profunda e eficiente, a lembrar o que aprenderam, entre diversas outras capacidades extremamente importantes, que só obterão de forma eficaz a partir do momento que souberem boas técnicas e métodos de estudo.

A BNCC²⁰ homologada em 2017 para a educação infantil e ensino fundamental, também apresentada para o ensino médio,

¹⁹ Marzano, R. J. A theory-based meta-analysis of research on instruction. Aurora, CO: McREL. 1998. Disponível em: http://www.peecworks.org/peec/peec_research/101795EFA.2/Marzano%20Instruction%20Meta_An.pdf

²⁰ Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

aborda enfaticamente a necessidade de se fortalecer nas escolas a educação integral. De acordo com a BNCC, a educação integral consiste em não apenas um ensino voltado para os conteúdos de base científica do currículo escolar, mas, na mesma proporção, um fortalecimento das questões sócio afetivas na formação dos sujeitos. Tal preocupação da BNCC deve ser considerada no que tange os modos como os estudantes aprendem os conteúdos curriculares e assim, num processo de formação em que cognição e afetividade caminham juntas, lado a lado. Assim, deve-se considerar que a Educação Integral dos estudantes esteja também imbricada nas questões que os levem a melhor compreensão, de como podem aprender dentro de suas inúmeras habilidades e estratégias.

O conhecimento transforma vidas. Paulo Freire²¹ diz que “o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser velho e ultrapassado por outro amanhã”, com isso se pode notar que aprender é algo natural da espécie humana. Consequentemente, se os estudantes souberem como aperfeiçoar esse processo tão importante e essencial, poderão utilizar cada vez mais as capacidades que possuem, ultrapassando barreiras que antes não eram possíveis, conquistando melhores resultados durante todo o percurso de suas vidas.

À vista do exposto, contamos com o apoio dos Nobres Pares nessa iniciativa.

Sala de sessões, em 25 de Maio de 2018

Deputado Leonardo Felix de Almeida

²¹ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.